

## **Dave Oliphant, tradutor de poesia chilena & *mucho* +: *hallazgo y traducción* em uma entrevista**

Mary Anne Warken S. Sobottka<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Tradução de Alison Felipe Gesser<sup>2</sup>

Dave Oliphant (1939) nasceu em Fort Worth, Texas, Estados Unidos, e é Doutor em Filosofia / Língua Inglesa e Literatura (Universidade do Norte de Illinois, 1975), com a tese *Poetry and Anti-poetry in the United States and Chile: Robert Lowell - William Carlos Williams; Enrique Lihn - Nicanor Parra*. Atuou como docente na Universidade do Texas em Austin, aposentando-se em 2006. Foi editor da revista *The Library Chronicle*, do Centro de Pesquisa em Humanidades Harry Ransom<sup>3</sup>, que conta com importantes coleções de livros raros e manuscritos, bem como o arquivo da obra de Gabriel García Márquez (1927-2014). Poeta e tradutor, na sua vasta lista de publicações Dave Oliphant soma mais de 30 livros de poesia, crítica e tradução, com destaque para *Generations of Texas Poets* (2015) e *Hallazgo y traducción de poesía chilena* (2019). Entre os artigos e ensaios da publicação mais recente, encontram-se estudos comparativos sobre Nicanor Parra (1914-2018), Enrique Lihn (1929-1988), Vicente Huidobro (1893-1948), Federico García Lorca (1898-1936) e Miguel de Cervantes (1547-1616)<sup>4</sup>.

**Dave, entre suas publicações, além de diversos trabalhos de tradução de poesia, há alguns sobre o jazz, como por exemplo *Texan Jazz* (1996), *The Early Swing Era, 1930 to 1941* (2002), *Jazz Mavericks of the Lone Star State* (2007) e *KD: A Jazz Biography* (2012). Para seu trabalho como tradutor, qual é a importância da música e, especialmente, do jazz?**

---

<sup>1</sup> Tradutora e professora de espanhol. Atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CAPES. Bacharela em Letras Espanhol e Mestra em Tradução Literária pela mesma universidade (PGET/UFSC), pesquisa a obra de Nicanor Parra e desenvolve estudos sobre variação do espanhol chileno e literatura chilena. No doutorado, dedica atenção especial a estudos da tradução do texto poético realizados na América do Sul. E-mail: warken espanholufsc@gmail.com.

<sup>2</sup> Tradutor e revisor de textos. Mestre em Linguística pela UFSC. E-mail: felipegesser@gmail.com.

<sup>3</sup> www.hrc.utexas.edu.

<sup>4</sup> Para saber mais sobre a trajetória de Dave Oliphant, o leitor ou leitora pode acessar o site www.daveoliphantworks.com.

Como o jazz é um tema na literatura mundial, eu já traduzi alguns poemas que tratam da música. Mais frequentemente, em disciplinas de literatura, dei aulas sobre contos, romances, peças de teatro, poesia e ensaios que se baseiam no jazz ou trabalhos nos quais a música representa ideias como liberdade e igualdade. Como você sabe, eu escrevi bastante sobre a história do jazz e sempre tive interesse pelas obras em espanhol que mencionam a música – por exemplo, os escritos de Julio Cortázar. Também escrevi um ensaio sobre o jazz na poesia chilena, e alguns dos poemas que aparecem nesse ensaio eu traduzi ao inglês e foram publicados em revistas. Além de traduzir ao inglês, uma vez, com a ajuda de amigos chilenos, traduzi ao espanhol dois poemas de William Carlos Williams sobre o jazz dos anos 1923 e 1945. As traduções foram publicadas na revista chilena *El Navegante*, e os títulos em inglês e espanhol são “Shoot It Jimmy!” (“Tírala Jimmy!”) e “Ol’ Bunk’s Band” (“Banda del viejo Bunk”). Eu também amo a música clássica e tenho vários poemas que tratam do tema – por exemplo, um poema sobre o pianista chileno Claudio Arrau. Inclusive, em alguns poemas, eu menciono a música brasileira de Villa-Lobos e Ernesto Nazareth.

**Por favor, conte sobre sua experiência como docente na Universidade do Texas em Austin. Nas disciplinas, a poesia chilena é trabalhada com os estudantes? São utilizados estudos de tradução? Você considera que nos Estados Unidos há interesse pela poesia latino-americana? No seu livro *Hallazgo y traducción de poesía* (2019), você afirma que na década de 1960 o poeta chileno Óscar Hahn (1938-) esteve no Texas... é um poeta que você traduziu. Por favor, comente qual é, para você, a importância da forma, rimas e imagens sonoras ao fazer uma tradução.**

Durante meus anos como docente na Universidade do Texas em Austin, eu tive a oportunidade de dar uma disciplina sobre poesia chilena. Primeiramente, dei aula no campus de Austin, mas, depois, em 2006, fui ao Chile com sete alunos para dar as mesmas aulas em Santiago e a uma cidade perto de Valparaíso. Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer o famoso antipoeta Nicanor Parra e também alguns jovens poetas. Para mim, a disciplina fechou um ciclo, desde que eu era aluno da Universidade do Texas. Quando viajei ao Chile pela primeira vez, fui como membro de um grupo de 15 estudantes que participaram de um programa de intercâmbio entre as universidades do Texas e Chile. Foi durante essa visita em 1965 que conheci o Don Nicanor. Dois anos antes de eu conhecer o Chile e sua tradição de poesia, o poeta chileno Óscar Hahn

já tinha visitado o Texas através do mesmo programa de intercâmbio. Em 1965, depois de conhecer Parra, fiz minha primeira tradução, de alguns fragmentos do seu poema “Coplas del vino”, e, no ano de 1969, eu traduzi um soneto de Hahn para uma revista chamada *Micromegas*, da Universidade de Iowa. Uma aula que eu dei sobre poesia latino-americana incluiu poetas do Brasil. Para a disciplina, fizemos a leitura de uma antologia publicada pela editora da Universidade do Texas e me lembro de os alunos terem gostado bastante de alguns sonetos paradoxais de Cruz e Sousa.

**Dave, gostaria de saber se a tradução começa a ser um tema do seu interesse quando você chega ao Chile na década de 1960, ou, se antes, no Texas, você já tinha traduzido poemas a partir do idioma espanhol. Como foram os primeiros passos para sua aproximação à tradução de poesia? Em *Hallazgo y traducción de poesía*, você comenta sobre o poeta Robert Creeley (1926-2005) e diz que observa semelhanças entre ele e Parra. Poderia falar um pouco sobre Creeley?**

Eu ainda era estudante de espanhol nos anos do ensino médio e não continuei com o idioma na Universidade. Porém, encontrei o livro de Federico García Lorca, chamado *El Poeta en Nueva York*, traduzido ao inglês por Ben Belitt. Eu não consegui entender muito bem a poesia de García Lorca, mas ela me impressionou e me inspirou a escrever um poema sobre um afro-americano que conheci. Essa foi minha primeira experiência com uma tradução do espanhol, mas, somente anos depois, quando dava aula no ensino médio em uma escola com vários alunos de herança mexicana, é que comecei a ter interesse pela língua. Durante a primeira visita ao Chile, consegui falar muito pouco em castelhano, mas, quando voltei ao país em 1966, para dar aula de literatura norte-americana na Universidade Católica, aprendi um pouco e li bastante. Foi em 1969, quando traduzi o soneto de Óscar Hahn, que comecei a traduzir poesia chilena de forma mais séria. Em 1971, voltei ao Chile; estava colecionando e traduzindo poesias de 22 poetas para uma antologia que foi publicada pela revista *Road Apple Review*, em Wisconsin. Naquele momento, eu estava traduzindo a poesia de Enrique Lihn e, depois, na primeira década de 2000, a antipoesia de Parra, principalmente seu *Discursos de sobremesa*, em 2009.

Eu tive interesse pela poesia de Robert Creeley desde muito cedo na minha carreira como poeta aspirante. Sua atitude um pouco desrespeitosa e seu estilo bastante simples em vocabulário me atraíram, e quando li a antipoesia de Parra, em 1965, pensei nos

poemas de Creeley. Há grandes diferenças entre as obras dos dois poetas, mas, naquele momento, achei algo direto e irônico em Parra de que eu já tinha gostado em Creeley. Eu continuo lendo os dois.

**Você conheceu o Chile em 1965 e, depois, teve a oportunidade de conhecer Nicanor Parra. Mais tarde, aconteceram outras visitas ao país, em diferentes contextos históricos. Poderia dizer, com um olhar atual, de 2020, como era o Chile daquela época e o que significou para sua profissão como tradutor e professor tal experiência (isto é, conhecer e conversar com o poeta que você traduziu)? No seu livro *Hallazgo y traducción de poesía chilena*, você diz que, ao traduzir Parra, o tradutor enfrenta a importância de considerar o poema/antipoema como uma “alegoria da vida”. Por favor, comente um pouco sobre isso.**

Em 1965, o Chile era um país que disputava internamente o tipo de governo que deveria escolher: a democracia ou o socialismo. Foi um período de grande esperança para os dois lados do tema. Embora eu não tenha me envolvido muito na política, preferi os Democratas Cristãos de Eduardo Frei em vez de Salvador Allende. O que me causou um impacto enorme foi a oportunidade de conhecer Nicanor Parra, que, na sua poesia, sempre encontra o absurdo nos pensamentos e ações dos políticos de qualquer perspectiva. Quando digo no meu livro *Hallazgo* que o antipoema de Parra é uma “alegoria da vida”, eu me refiro especificamente ao poema “Un hombre”, definido como “uma narrativa absurdista, em uma linguagem coloquial que trata dos acontecimentos do mundo cotidiano e urbano”. No poema, o homem experimenta uma série de incidentes que revelam a falta de lógica da vida contemporânea, ou de qualquer época. A partir do meu interesse em Parra e, depois, em Enrique Lihn, comecei a ler mais e mais em espanhol. Em 1968, eu fazia doutorado na Universidade do Novo México e tinha aulas em espanhol. O professor de uma disciplina era do Chile e escrevi para ele um ensaio sobre o poeta chileno Guillermo Blest Gana, do século XIX; em 1972, esse ensaio foi publicado no Chile, na *Revista Chilena de Literatura*. Depois de me mudar para Illinois, continuei o programa de doutorado em uma universidade de lá. Em princípio, eu ia escrever minha tese sobre o poeta norte-americano Louis Zukofsky, mas decidi que seria melhor fazer sobre a antipoesia no Chile e Estados Unidos. Essa decisão foi resultado da minha primeira viagem ao Chile e do meu crescente entusiasmo pela antipoesia de Parra. Durante os cinco anos que estive em Illinois, fui convidado por um amigo chileno, Carlos Cortínez, a traduzir alguns poemas para um número especial

da revista *Micromegas*, dedicado à poesia chilena. Foi então que eu traduzi “Un hombre”, de Parra, um soneto de Óscar Hahn, dois poemas de Pablo Neruda e um poema de Cortínez. A partir daquele momento, meu foco era traduzir e discutir poesia latino-americana e, em 1978, fui convidado a escrever um livro cujo título é *Civilization and Barbarism: A Guide to Teaching Latin American Literature*.

**Foram traduzidos textos seus na edição de *Hallazgo y traducción de poesía chilena*, um trabalho com diferentes tradutores. Como foi a experiência de ser traduzido? Você revisa, comenta e intervém quando é traduzido? Poderia falar um pouco sobre esse projeto editorial recente?**

Alguns ensaios presentes em *Hallazgo* foram traduzidos por amigos e publicados em revistas chilenas. Dois artigos, um sobre minhas tentativas de traduzir a antipoesia de Parra e outro sobre o jazz no Chile e na sua poesia, eu mesmo escrevi em espanhol. A resenha de *Cántico cósmico*, de Ernesto Cardenal, apareceu em uma revista do Texas e foi traduzida por alguém na Nicarágua, sem que eu soubesse. Descobri a tradução por acaso, quando ela saiu em uma coleção de escritos sobre a obra de Cardenal. Foi uma enorme e grata surpresa o fato de alguém ter encontrado, traduzido e incluído a resenha no livro *Re-visiones de Ernesto Cardenal*. Outro ensaio, sobre Enrique Lihn e os poemas da sua estadia em Nova Iorque, foi traduzido por dois professores da graduação voltada ao ensino de inglês da Universidade Metropolitana em Santiago, mas eles acabaram perdendo a tradução. Um dia, eu estava fazendo uma busca na internet e percebi que meu ensaio sobre Lihn tinha aparecido em uma publicação online, chamada *Bitácora dedicada a la obra y palabra del poeta chileno Enrique Lihn*. Foi outra grata e misteriosa surpresa, porque os professores que fizeram a tradução não sabiam como o trabalho tinha ido parar na revista online. Estou muito agradecido pela ajuda de tantos amigos que tornaram possível que eu compartilhasse meus escritos com leitores hispanos. Eu sempre podia dar sugestões, mas os tradutores sabiam melhor do que eu a língua de destino. Na verdade, acho que eles melhoraram meus ensaios. Às vezes, acontecia de minhas frases ficarem confusas, então os tradutores as deixavam mais claras em espanhol do que no meu inglês do Texas.

**Nicanor Parra traduziu *Rey Lear (1606)*, de William Shakespeare, ao espanhol chileno de uma forma bastante transcriadora, inclusive o título: *Lear Rey & Mendigo (2004)*. Na tradução parriana, os diálogos foram criados em um espanhol**

**bem chileno e carregado de idiomatismos. Como seria transcriber e adaptar Parra aos Estados Unidos e ao Texas? Seria possível aplicar a concepção de tradução de Parra para traduzi-lo?**

Na minha tradução de *Discursos de sobremesa*, de Parra, há várias tentativas de trazer ao inglês o significado dos modismos e idiomatismos presentes nos antipoemas. Da mesma forma, há exemplos do sobrenome do antipoeta incorporado ou substituído por palavras como “para” ou “paranoico”, que resultam nas frases “basura parra todos” e “No soy tan parranoico”. Também há letras inseridas em palavras que modificam ou acrescentam significado: “tra(i)ductor” – o tradutor como traidor; “Después de esta vi(u)da no hay otra”. Cometi erros em traduções, mas é muito difícil trabalhar as transcrições de Parra. A tradução de *King Lear* feita por Parra, assim como sua própria antipoesia, exige que o leitor reconheça o jogo que ele faz com as palavras e com a história da literatura. Por exemplo, em *Lear Rey & Mendigo*, Parra introduz um anacronismo em um parlamento do Bufón (ou Fool, Bobo) quando traduz o verso “No heretics burn’d, but wench’s suitors” como “No más brujas a la hoguera / Sino perseguidores de Dulcineas”. Ainda que *Dom Quixote* tenha sido escrito durante a época de Shakespeare e traduzido ao inglês em 1612, antes da morte do poeta, as pessoas que frequentavam o teatro provavelmente não teriam reconhecido a alusão de Parra. Contudo, hoje em dia o leitor goza da engenhosidade do antipoeta que troca “wenches” por “Dulcineas” e brinca, metapoeticamente, com as obras de dois dos maiores escritores do mundo. Parra sempre brinca com a língua nos seus artefatos e antipoemas. Por exemplo, em *Discursos*, Parra declara que “El español es una lengua muerta / Moribunda en el mejor de los quesos / Es x eso que Rulfo redactó su Quijote / En el habla del siglo XVI”. Sobre os modismos chilenos, não sei se a frase “se creía la muerte en bicicleta” é do Chile, mas aprendi o significado durante minhas estadias no país. Eu também já ouvi a frase com “bote” em vez de “bicicleta”. Em qualquer *queso*, significa que alguém demonstra orgulho demais ou que “se le fueron los humos a la cabeza” (outro modismo?). Parece que “la muerte en bicicleta” se utiliza em Cuba, mas como algo difícil. A questão é que o tradutor deve aprender os modismos e tentar encontrar equivalência na língua de destino. Não é tarefa fácil.

**Sei que um dos primeiros poemas de Parra que você traduziu foi “Coplas del vino”, da obra *La cueca larga*, ainda em 1965. Certo? Esses poemas são bastante carregados de idiomatismos e referências ao Chile, há muitas rimas e também são**

**versos que levam em conta a estética de um gênero musical, com suas regras. Poderia comentar sobre as dificuldades, em termos formais, de traduzir do espanhol chileno ao inglês? Você considera que traduz a um inglês do Texas? Nas suas traduções, você procura eliminar “sotaques” ou marcas regionais?**

Em 1965, quando traduzi três estrofes (redondilhas?) do poema “Coplas del vino”, de Parra, eu sabia bem pouco espanhol. Muitos anos depois, surpreendeu-me o quão atrevido fui e ao mesmo tempo fiel ao traduzir os versos, dentro das limitações do meu conhecimento sobre a língua. A palavra “huelga”, “greve”, que aparecia em um verso eu sabia, talvez, porque naquela época as greves eram muito frequentes no Chile, igual a hoje em dia. Uma estrofe que eu não traduzi contém a palavra “piluchos”, que é de origem mapudungun; somente anos depois é que eu aprendi seu significado “nu”. O vocabulário do poema foi um desafio. Em 1972, quando traduzi 11 redondilhas ou quartetos do poema “La cueca larga”, também foi um desafio tentar rimar os versos, mas, ao mesmo tempo, foi um prazer enorme. Sobre o ritmo do poema, com sua alternância de 7 e 5 sílabas, eu não sabia nada. Às vezes, eu utilizava o dialeto dos afro-americanos para sugerir o som dos versos de Parra (O poeta norte-americano John Berryman emprega o mesmo dialeto em algumas das suas *Dream Songs*, ou canções de sonho. Fiz algo parecido no poema “Un hombre”, quando utilizei um modismo norte-americano, mas depois eu me arrependi e desde então dispensei a prática). Em 2008, quando estava traduzindo *Discursos*, de Parra, eu gostava muito de tentar rimar algumas estrofes da canção de ninar que o antipoeta modifica para seu “Discurso del Bío Bío”. Na seção XXVII, que leva o subtítulo “Canción protesta”, em vez das letras da canção de ninar que são “piu piu”, o som dos pintinhos, Parra tem o nome do rio Biobío que atravessa a cidade de Concepción, onde o antipoeta recebeu seu doutorado *Honoris Causa*.

**Para um leitor localizado nos Estados Unidos, que vai ler os poemas de Parra em inglês, você considera importante oferecer notas explicativas e comentários sobre referências históricas presentes no poema?**

Acredito que notas explicativas e comentários sobre referências históricas são muito úteis para um leitor que não sabe espanhol. Eu incluí algumas notas na minha tradução de *Discursos de sobremesa* e, depois, pensei que poderia ter incluído mais, porque há coisas que não teriam sentido para muitos leitores ou jogos e chistes cujos propósitos teriam sido perdidos. Mesmo para leitores que conhecem a língua, as notas ajudariam a

ter um melhor entendimento do conceito de antipoesia e das alusões a figuras da história do Chile, eventos contemporâneos e outros escritores que Parra satiriza ou elogia.

**Você considera que Parra é mais lido nos Estados Unidos hoje do que na década de 1960? Ou ao contrário: ele era mais lido antes do que agora?**

Eu diria que Parra é muito mais lido nos Estados Unidos hoje em dia do que nos anos 1960. Quando fui ao Chile em 1965, poucos alunos faziam ideia de quem ele era e acredito que menos ainda nos Estados Unidos. Foi somente naquele ano que apareceu, aqui neste país, seu livro *Poemas y antipoemas*, em edição bilíngue. Não sei – é uma pergunta sobre a qual eu não tinha pensado. É que tantos livros apareceram entre os anos 1960 e agora e, talvez, suas ideias ecológicas e seus artefatos atraíam mais leitores hoje em dia do que antes.

**Você também traduziu Enrique Lihn. Poderia falar sobre a diferença entre traduzir Parra e Lihn?**

Parra sentia admiração por Lihn e falava bem dele como poeta, embora a poesia dos dois seja diferente. Alguns críticos dizem que Lihn foi influenciado pela antipoesia de Parra e eu acho que, do ponto de vista antissocial, ambos compartilham uma atitude crítica dos valores da sociedade. Contudo, são muitas as diferenças entre o tipo de poesia que cada um escreveu, e a dificuldade de traduzir a obra de Parra difere da tradução de Lihn. A obra de Parra é, para mim, mas fácil de entender e exige principalmente a habilidade de encontrar, em inglês, palavras ou expressões equivalentes para sua linguagem irônica e brincalhona. Para traduzir a obra de Lihn, sempre achei difícil compreender suas ideias, que tanto têm a ver com sua própria atitude paradoxal em relação à língua com a qual ele escrevia. Ao mesmo tempo que desconfia na língua, ele precisa dela para avivar, como diz no seu poema “Porque escribí”. As imagens que ele empregava para expressar suas ideias podem ser um pouco confusas, diferentemente da antipoesia de Parra, que não é tão descritiva nem tão simbólica. Parra não desconfia de si mesmo nem da sua linguagem antipoética, baseada em palavras coloquiais; ele evitava expressões de sentimento e, no geral, não escrevia sobre seus conflitos íntimos como fez Lihn. Apesar da dificuldade de traduzir a poesia de Lihn, eu sempre gostei do desafio da sua obra. Suas metáforas e suas analogias me fascinaram, e sua voz cheia de dúvidas me atraía desde que li seu poema “Nieve”, em 1966. É uma voz de simpatia com as pessoas mais simples, especialmente nos seus



poemas sobre as pessoas no metrô de Nova Iorque. Eu adorei seu longo poema “Mester de juglaría”, assim como o poema que serve de título para seu livro *Escrito en Cuba*. Cometi erros na tradução da obra de Lihn, mas fico feliz pela experiência de ler e tentar capturar, em inglês, sua voz e suas perspectivas tão únicas.

**De que poetas brasileiros você gosta? Também gostaria de saber se você já traduziu poesia brasileira e que poetas dos Estados Unidos você recomenda para nossos leitores e leitoras. Por último, que poetas contemporâneos dos EUA deveríamos traduzir no Brasil?**

Quando fui ao Brasil pela segunda vez, em 2001, conheci o poeta Affonso Romano de Sant’Anna, muito rapidamente, mas eu sabia da sua poesia através de um professor da Universidade do Texas, Fred Ellison. Após comprar o livro *Textamentos* nessa ocasião e depois *O lado esquerdo do meu peito*, eu descobri que Sant’Anna tinha escrito um lindo poema dedicado ao Professor Ellison, chamado “Preparando a casa”. Eu gostei do sentido de humor que há na poesia de Sant’Anna, como por exemplo seu “Cão poeta”, onde ele fala sobre escrever “como um cão / marcando na história alheia / – meu imponderável território”. Também em *Textamentos*, há um poema com o título “Austin, 1976”, que trata de uma conversa com a filha sobre o nascimento dela, o amor e as margens de um rio. Infelizmente, nunca tive a ideia de traduzir esses poemas, nem outros de que eu gostei, do poeta Lêdo Ivo, do seu livro *O rumor da noite*, que eu comprei na mesma viagem. Outro livro que comprei foi *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto; dessa coleção, eu gostei do seu longo poema “O rio, ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife”.

Sobre a poesia dos meus contemporâneos e de poetas posteriores do meu país, posso recomendar muitos, mas atualmente estou lendo com um novo interesse os poemas de John Berryman, do seu já mencionado livro *The Dream Songs*. Eu admiro a forma das suas canções, inventada por ele: três estrofes de seis linhas, quase sempre com rima, mas, ao mesmo tempo, quase imperceptível – tenho que procurar as rimas, porque não dá para ouvi-las. O tema da sua perda de interesse em continuar vivendo é um pouco deprimente, mas a linguagem e a música dos seus versos são, para mim, encantadoras. Lamentavelmente, ele se suicidou. Um poeta favorito durante décadas foi William Carlos Williams. No Texas, nós temos bons poetas. Uma poeta bastante popular é Naomi Shihab Nye; seus poemas são muito alegres e celebram as coisas boas de cada

dia. Ela já recebeu vários prêmios importantes. O poeta mais prolífico se chama Walt McDonald e sua poesia oferece uma ampla perspectiva da vida e fauna do Texas – algo que nos falta muito no oeste do estado é a flora. Na minha opinião, nós não temos poetas do mesmo tipo que os do Chile e Brasil, mas, ainda assim, os nossos também valem a pena.

## **REFERÊNCIA**

OLIPHANT, Dave. *Hallazgo y traducción de poesía chilena*. Raleigh, NC: Editorial A Contra Corriente, 2019.